

A Cobertura Jornalística de Desastres: Um Olhar para o Papel Humanitário da Profissão¹

Camila Londero Souto²
Milene Aparecida Eichelberger³
Laura Strelow Storch⁴
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM
Universidade de São Paulo - USP

RESUMO

Este resumo é um recorte de uma pesquisa em andamento que analisa a cobertura jornalística das enchentes no Vale do Taquari (RS), com base nas diretrizes do “Manual para a Cobertura Jornalística dos Desastres Climáticos” (2024). O estudo objetiva comparar as práticas dos veículos regionais com as recomendações do manual, para destacar a importância de uma abordagem mais aprofundada e humanitária. Para isso, trabalhamos com o conceito de Jornalismo Humanitário e de Paz (Victor e Sanches, 2020), com objetivo de debater uma cobertura jornalística mais ética e responsável em meio a emergências climáticas (Amaral, Loose e Girardi, 2024, p. 21).

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; emergência climática; cobertura jornalística; jornalismo humanitário; jornalismo ambiental

INTRODUÇÃO

Este trabalho é o recorte de uma pesquisa em andamento que busca analisar a cobertura jornalística das enchentes ocorridas na região do Vale do Taquari, no Estado do Rio Grande do Sul, com o intuito de propor melhorias baseadas nas diretrizes do "Manual para a Cobertura Jornalística dos Desastres Climáticos" (2024)⁵, elaborado pelos grupos de pesquisa Estudos de Jornalismo (UFSM) e Jornalismo Ambiental (UFRGS). A pesquisa se concentra em uma análise comparativa entre o que foi feito pelos veículos regionais e as diretrizes propostas pelo manual, considerando fatores como profundidade, enfoque, fontes utilizadas e a frequência de cobertura. Ao examinar

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e educação na emergência climática, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Estudante de Graduação, 7º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e-mail: camila.londero@acad.ufsm.br

³ Jornalista formada pela UFSM. Mestranda em Ciências da Comunicação no PPGCOM da ECA-USP, e-mail: milene.eichelberger@usp.br

⁴ Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora adjunta da UFSM, e-mail: laura.storch@ufsm.br

⁵ Acesso ao texto na íntegra [neste link](#). Acesso em 31/03/2025.

essas lacunas, a pesquisa busca identificar oportunidades de melhoria e sugerir formas de aplicar as recomendações do Manual em futuras coberturas de desastres naturais, visando a uma abordagem mais eficaz e educativa.

Além de avaliar a aderência ao Manual, a pesquisa destaca a relevância do Jornalismo Humanitário e de Paz, conforme discutido por Victor e Sanches (2020). Essa abordagem vai além da cobertura de desastres, ao visibilizar o sofrimento humano e promover uma compreensão profunda das causas subjacentes. Ao combater a naturalização dos desastres, que muitas vezes banaliza o sofrimento das vítimas (Victor; Sanches, 2020, p. 243), esse tipo de jornalismo contribui para uma narrativa mais ética, responsável e orientada para a justiça social e a prevenção de novos conflitos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E OBJETIVOS

A informação em situações de desastre, como as enchentes no Vale do Taquari, é essencial para orientar as populações afetadas, conscientizar e facilitar ações de mitigação e resposta. A cobertura jornalística de desastres, nesse contexto, torna-se uma área crítica que exige uma abordagem cuidadosa e informada, especialmente diante de mudanças climáticas e eventos extremos. O “Manual para a Cobertura Jornalística dos Desastres Climáticos” (2024) destaca que a cobertura deve ir além da descrição dos eventos, incorporando análises aprofundadas sobre as causas, as consequências e as políticas públicas relacionadas (Amaral; Loose; Girardi, 2024, p. 8).

Um dos principais desafios enfrentados pelos jornalistas é a necessidade de uma preparação adequada antes da ocorrência de desastres. Amaral, Loose e Girardi (2024, p. 21) ressaltam que, “nos períodos de normalidade, a atenção jornalística deve ser voltada para medidas de prevenção, visto que há mais tempo para que a cobertura de questões acerca de riscos de desastres seja planejada”. A literatura aponta que a falta de planejamento e a apuração apressada podem comprometer a qualidade da informação, resultando em uma cobertura superficial que não atende às necessidades da comunidade afetada.

Nesse cenário, o jornalismo local desempenha um papel crucial na conscientização e engajamento da comunidade em relação às questões climáticas, especialmente em contextos de desastres naturais, como enchentes. Sua proximidade com as realidades das populações permite que trate de maneira mais direta e relevante

os impactos dessas mudanças, aproximando os cidadãos das discussões sobre os riscos climáticos e as estratégias de enfrentamento.

Estudos reforçam que as mídias possuem forte influência nas percepções das pessoas a respeito das mudanças climáticas, pois os discursos científicos e os debates políticos mediados pela imprensa são, às vezes, a única fonte de informação para a maioria dos cidadãos. Sem a cobertura dos meios de comunicação, dificilmente determinadas questões chegariam à arena de discussão pública (Loose, 2020, p. 197).

Além de informar sobre os desastres, a cobertura jornalística deve considerar o impacto humano dessas tragédias e evitar a banalização do sofrimento das vítimas. Victor e Sanches (2020) destacam que

A cobertura jornalística amparada na naturalização dos desastres, considerados normais ou inevitáveis, banaliza essas tragédias, invisibiliza e prolonga o sofrimento humano de vítimas da colisão dos fenômenos naturais adversos com a injustiça social (Victor; Sanches, 2020, p. 243).

Assim, o Jornalismo Humanitário e de Paz contribui para uma abordagem mais ética e responsável, contextualizando os desastres dentro de um cenário maior de vulnerabilidade social e crise climática.

Neste sentido, a mídia local não deve apenas informar, mas também educar e sensibilizar, proporcionando uma compreensão acessível e prática dos fenômenos naturais e das formas de adaptação e mitigação. Ao oferecer uma cobertura que seja clara, precisa e isenta de sensacionalismo, o jornalismo pode não só informar, mas também motivar ações concretas da sociedade e apoiar a construção de políticas públicas mais eficazes para o enfrentamento das mudanças climáticas.

Para garantir uma cobertura de qualidade, é essencial que jornalistas incluam diferentes tipos de fontes, como especialistas, testemunhas e autoridades (Amaral, 2015), garantindo que múltiplas vozes sejam ouvidas. Nesse contexto, a cobertura também deve considerar a interseccionalidade, reconhecendo as necessidades específicas dos grupos vulneráveis. O manual recomenda que os jornalistas garantam espaço para que uma diversidade de pessoas sejam ouvidas e tenham suas vivências retratadas de maneira justa e adequada.

Pessoas pobres, negras, quilombolas e indígenas, de comunidades tradicionais e de grupos sociais vulneráveis são mais afetadas por desastres.

Não raro são o maior número em locais com menor infraestrutura pública e onde falta o suporte do estado. Conseqüentemente, têm mais dificuldade de recuperação após uma catástrofe (Amaral; Loose; Girardi, 2024, p. 19).

A presença física dos jornalistas nas áreas afetadas é outro ponto destacado no Manual. A cobertura direta permite uma compreensão mais profunda dos impactos dos desastres e das respostas da comunidade, além de facilitar a coleta de informações precisas e relevantes. De acordo com dados do Atlas da Notícia (2023)⁶, um projeto coordenado pelo Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo (PROJOR), 26,7 milhões de brasileiros não têm acesso a informações sobre as regiões em que vivem. Essa lacuna de informação é ainda mais acentuada em situações de desastre, quando a infraestrutura de comunicação é frequentemente comprometida.

Assim, a pesquisa pretende analisar criticamente a cobertura jornalística das enchentes no Vale do Taquari, identificando falhas e oportunidades de melhoria, para propor diretrizes que aprimorem a cobertura de futuros desastres naturais pela imprensa local.

METODOLOGIA E RESULTADOS ESPERADOS

A pesquisa pretende a realização de uma observação comparativa de manchetes publicadas em dois jornais gaúchos: “A Hora” e “RD Independente”. Uma análise prévia das manchetes postadas no *Instagram* pelos veículos revela lacunas significativas na cobertura das enchentes no Vale do Taquari. Embora as postagens apresentem informações urgentes sobre os impactos imediatos, como desmoronamentos e interdições de vias, falta uma contextualização dos eventos. Não são fornecidos detalhes sobre as causas ou as conseqüências a longo prazo das enchentes, o que limita a compreensão do público sobre a gravidade da situação. Além disso, a cobertura não aborda de forma abrangente as respostas e medidas adotadas pelas autoridades para mitigar os impactos, o que compromete a eficácia da informação (Amaral; Loose; Girardi, 2024).

Além disso, as postagens tendem a ser fragmentadas, focando em aspectos pontuais do desastre, como o risco de rompimento de barragens ou os esforços de resgate, sem construir uma narrativa integrada. A ausência de fontes variadas

⁶ Disponível [neste link](#). Acesso em 31/03/2025.

enfraquece a cobertura, já que o público não tem acesso a diferentes perspectivas sobre a crise. Essas lacunas apontam para a necessidade de um jornalismo mais aprofundado, que não só informe, mas também ofereça uma análise crítica das causas, impactos e soluções para desastres naturais.

A análise comparativa da atuação dos veículos será baseada nos pressupostos do "Manual para a Cobertura Jornalística dos Desastres Climáticos", organizado por Márcia Franz Amaral, Eloísa Beling Loose e Ilza Maria Tourinho Girardi. O Manual foi elaborado com o objetivo de fornecer diretrizes práticas e éticas para jornalistas que atuam na cobertura de desastres climáticos. A obra é resultado de um esforço colaborativo que reúne conhecimentos de especialistas em comunicação, meio ambiente e gestão de riscos, refletindo uma abordagem multidisciplinar e interseccional.

Na pesquisa, o Manual será utilizado como uma referência fundamental para entender as melhores práticas na cobertura de desastres climáticos. Ele servirá como um guia para analisar a eficácia das abordagens jornalísticas em diferentes contextos, bem como para avaliar a representação de grupos vulneráveis na mídia. A aplicação das diretrizes propostas permitirá identificar lacunas e oportunidades de melhoria na cobertura atual, contribuindo para um jornalismo mais responsável e informativo.

Cabe enfatizar que este é o recorte de uma pesquisa em andamento, o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Jornalismo da autora. Apesar da pesquisa se utilizar de acontecimentos ocorridos no Rio Grande do Sul, a possibilidade de debater tais temáticas junto ao Grupo de Trabalho Comunicação e Educação na Emergência Climática se torna relevante por fomentar uma discussão interdisciplinar, capaz de levantar novos olhares sobre o papel do jornalismo de informar, educar e ser crítico diante de acontecimentos extremos, além de contribuir para a construção de uma comunicação mais eficaz em tempos de crise climática.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Marcia Franz. Fontes testemunhais, autorizadas e experts na construção jornalística das catástrofes. **Revista Líbero**, v. 18, n. 36, p. 43-54, jul./dez. de 2015. São Paulo: 2015.

AMARAL, Márcia Franz; LOOSE, Eloísa Beling; GIRARDI, Ilza Maria Tourinho (Org.). **Manual para a cobertura jornalística dos desastres climáticos**. 1. ed. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/33707/manual-para-a-cobertura-jornalistica-de-desastres-climaticos-2024.pdf>. Acesso em: 31 de março. 2025.

LOOSE, Eloisa Beling. **Jornalismo e riscos climáticos**: percepções e entendimentos de jornalistas, fontes e leitores. 2020.

PROJOR - Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo. **Atlas da Notícia**: diagnóstico da mídia local no Brasil. 2023. Disponível em: <https://atlas.jor.br/v6/> . Acesso em: 15 de dez. 2024.

VICTOR, Cilene; SANCHES, Lilian R. Crise humanitária e os deslocamentos internos por conflitos e desastres sob as lentes do jornalismo humanitário e de paz. **Prometeus, Filosofia em revista**, n. 34, 2020.